



A IMORTALIDADE DA ALMA EM “O SONHO” (1399)¹

Ariane Lucas Guimarães²

Resumo:

Dois dos temas mais tradicionais das Filosofias Antiga e Medieval são os da transcendência e da imortalidade da alma, tópicos presentes na literatura ocidental pelo menos desde Platão. Bernat Metge dedica, em sua obra "Lo somni" (1399), todo o primeiro livro, quando, na prisão, o rei de Aragão D. João I (1350-1396) lhe aparece em sonho para consolá-lo e alertá-lo acerca dos acontecimentos vindouros, na melhor tradição boeciana da Consolação da Filosofia. É então que o tema é literariamente oferecido: o rei principia a prova da imortalidade da alma com uma exposição cronológica dos principais filósofos que se debruçaram nessa importante questão (desde Empédocles até os padres da Igreja). Proponho apresentar os principais aspectos que Metge desenvolve sobre a imortalidade da alma em seu Livro I.

Palavras-chave: Imortalidade da Alma – Medieval – Filosofia – Sonho – Bernat Metge.

Resumen:

Dos de los temas más tradicionales de las Filosofías Antigua y Medieval son la trascendencia y la inmortalidad del alma, asuntos presentes en la literatura occidental, al menos desde Platón. Bernat Metge dedicada, en su obra "Lo somni" (1399), todo el primer libro, cuando, en la cárcel, el rey de Aragón D. Juan I (1350-1396) se le aparece

¹ Tema desenvolvido a partir do meu subprojeto: “A imortalidade da alma na obra em O sonho (1399), desenvolvido no projeto de pesquisa intitulado “As projeções oníricas na História: Lo Somni de Bernat Metge” (1340-1413), orientado pelo professor Ricardo da Costa e subsidiado pela Universidade Federal do Espírito Santo. Projeto realizado em convênio com o IVITRA (Instituto Virtual Internacional de Traducción, www.ivitra.ua.es)

² Graduanda em História pela Universidade Federal do Espírito Santo.

en sueños a consolarlo y le advierten sobre los acontecimientos venideros en la mejor tradición boeciana de la Consolación de la Filosofía. Es entonces que el tema se ofrece literalmente: el rey comienza la prueba de la inmortalidad del alma con una exhibición cronológica de los principales filósofos que se han ocupado de este tema tan importante (ya Empédocles a los Padres de la Iglesia). Me propongo presentar los principales aspectos que Metge desarrolla en la inmortalidad del alma en su Libro I.

Palabras-clave: Inmortalidad del Alma – Medieval – Filosofía – Sueño – Bernat Metge.

Introdução

Quando Bernat Metge escreveu “Lo Somni” ou “O sonho” (1399), marcou a inauguração do *humanismo* na Península Ibérica. Enquanto nas chancelarias italianas e nos núcleos universitários ingleses e franceses esse movimento já se encontrava a todo vapor.

Além do evidente caráter classicista da obra, Bernat introduziu um cariz religioso. É inegavelmente inspirado por grandes antecessores como Platão, que é visivelmente marcante em seu discurso sobre a alma. Essa influência clássica no humanismo é principalmente representada pelos trecentistas italianos, Dante (1265-1321), Boccaccio (1313-1375) e Petrarca (1304-1374), que não somente beberam do classicismo greco-latino, como absorveram e deram uma nova direção às necessidades anímicas.

Metge fazia parte da corte do rei Martin I, *o Eclesiástico* (1356-1410), monarca de mentalidade tradicional. Uma corte perseguidora e contrária as suas idéias, que pode ser observado no início do livro I e ao longo do livro II, onde Metge reclama do enalço de seus inimigos.

O rei que lhe aparece em sonho é João I de Aragão, *o Caçador* (1350-1396), rei de Aragão, Valência, Maiorca, Sardenha e Córsega, e conde de Barcelona, Rosilhão e Cerdanha. Filho de Pedro IV de Aragão, *o Cerimonioso* (1319-1387). O *Caçador*, como bem diz o nome, era amante da caça e grande incentivador das artes, assim como o seu pai, o *Cerimonioso*. E foi graças ao incentivo artístico que Bernat pode exercer o seu grande e refinado dom literário.

Neste artigo tratarei das primeiras impressões da alma imortal em “O sonho”, que é exposta no livro I da obra, quando Bernat, preso, é acometido por um pesado

sono. Em sonho lhe aparece Dom João, Orfeu e Tirésias. Assustado com a aparição de seu falecido rei, Metge inicia um grande e caloso debate sobre a imortalidade do espírito. Assim, a obra aborda de um lado, o ceticismo do autor, e do outro a “prova” da imortalidade, o próprio espírito do monarca.

A imortalidade da alma

Há muito tempo a alma imortal tem sido objeto de estudo. Platão deixou claro em seus escritos essa preocupação. Metge, assim como o filósofo, cria uma bela dialética através de seu diálogo com o Caçador.

O tema da alma imortal se inicia quando Bernat, em sonho, reencontra seu falecido monarca, Dom João I de Aragão.

“Ao ouvi-lo falar, reconheci-o imediatamente e, tremendo, disse: – Ó, senhor! Como vós estais aqui? Não haveis morrido outro dia?

– Não morri – disse ele – mas deixei a carne para a sua mãe e devolvi o espírito a Deus, que mo tinha dado.³

– Como o espírito? – perguntei – Não posso crer que o espírito, se é que existe, possa seguir outro caminho a não ser aquele da carne.⁴

– Mas então o que pensas que sou? – perguntou ele. – Não sabes que outro dia passei da vida corporal na qual me encontrava?”
(Tradução de Ricardo da Costa)⁵

Metge negou-se a acreditar que, após morte corporal, era o espírito do rei que se encontrava diante dele. Ao deparar-se com o ceticismo de seu cortesão o rei tomou como sua a missão de trazer a verdade diante dos olhos de Bernat Metge.

Segundo o próprio Bernat, sua incredulidade se apoiava no fato que pessoas mortas não falam, por isso era impossível que o rei estivesse morto. A resposta ao cortesão foi direta: Metge estava certo, pessoas mortas não falam, e sim o espírito que é imortal.

³ Alusão a *Eclesiastes*: “antes que o pó volte à terra de onde veio e o sopro volte a Deus que o concedeu” (12, 7).

⁴ CÍCERO, *Tusculanae* I, IX, 18.

⁵ Tradução generosamente cedida pelo Prof. Dr. Ricardo da Costa. *Lo Somni* será publicado em português pelo professor supra citado.

De acordo a filosofia platônica, o corpo serve como prisão da alma, que a permite viver o mundo sensível. Após a morte deste receptáculo, a Substância, agora livre, tem liberdade para ascender ao mundo das Ideias.

Na Idade Média a morte também expressa separação do corpo e da alma. O pó volta ao pó, e a alma volta a Deus, o seu Criador. Se esta alma não ascende diretamente aos Céus ou ao Inferno, é preciso que ela passe pela remissão do Purgatório (LE GOFF & SCHMITT, p. 256).

Ainda não convencido com a simplória explicação do rei, Metge expressa que o espírito não pode ser imortal. Pois sempre observava tanto a morte de animais quanto a de homens, e nunca viu nenhum espírito sair do corpo. Então o espírito ou a alma não passam do sangue ou calor natural do corpo, que morrem juntamente com este.

O rei não tarda com a resposta:

“– Estás muito enganado – disse ele – pois parece que não fazes diferença entre alento e espírito.
– Não faço nenhuma – disse eu – pois vejo todas as coisas animadas morrerem da mesma maneira”.
(Tradução de Ricardo da Costa)

Para alguns antigos filósofos a alma não passava do sangue ou ainda uma espécie de fogo, ou calor, natural do corpo. Logo, quando este perece leva consigo esse calor. De acordo com essa concepção, que é expressa por Metge, a alma é tão mortal quanto o corpo.

A verdade para Dom João é que Deus criou três espíritos vitais de maneiras distintas. Uns que tiveram princípio n’Ele, são os anjos, seres espirituais, e, conseqüentemente, imortais; outros são os animais brutos, criaturas cobertas por carne, que juntamente com ela morrem; e, entre ambos, os homens, seres cobertos por carne, que é habitação de um espírito imortal. O homem foi criado no meio para que tivesse a imortalidade do espírito, característica dos seres superiores, os anjos; e a mortalidade da carne, dos seres inferiores, os animais brutos.

Bernat, movido pela emoção, tenta achega-se ao rei, que o impede ao dizer:

“– Afasta-te – disse ele – pois este corpo que me vês coberto e fantástico, e não poderias, nem te és licito tocá-lo. Aquele a quem tu costumavas servir e fazer reverencia e honra se converteu em pó”.
(Tradução de Ricardo da Costa)

A alma de Dom João deixou a sua forma corporal para assumir a sua forma perfeita. Que não mais sofre pelas fraquezas, necessidades e imperfeições do corpo humano⁶. A impossibilidade de tocar esse maravilhoso corpo nos remete a Moisés, que em um diálogo com Deus, o pediu para lhe mostrar a Sua glória. Em resposta, Deus lhe disse que nenhum homem veria a Sua face e continuaria vivo⁷.

Mais tarde, questionado por Metge sobre o que é o espírito e como se dá a sua imortalidade, o rei não tarda em responder. No primeiro momento lhe responde que enquanto no corpo humano não há distinção entre alma e espírito. Mas de acordo com a atividade exercidas pela alma, esta pode ser nomeada.

“Quando vivifica o corpo e chamada de alma; quando deseja, coragem; quando sabe, pensamento; quando recorda, memória; quando julga retamente, razão, e quando inspira, espírito.”

(Tradução de Ricardo da Costa)

Mas a sua essência é simples e singular. Por não saberem nomear e identificar essa essência é que os filósofos e doutores da Igreja nomearam partes dessa substância, segundo Dom João. Como o monarca ainda não se encontrava nas regiões celestiais, também não pode decifrar esse código, aberto para aqueles que conhecerão a Verdade ao entrar no Reino de Deus.

Ainda curioso pelo que realmente é a alma, o cortesão pede ao *Caçador* que lhe explique o que disseram os filósofos e doutores da Igreja. Mesmo irado com a pergunta, Dom João discorre sobre este antigo debate, iniciando com os antigos filósofos de Nasica até Platão, e finalmente, Aristóteles, que para o rei, foi o que mais se aproximou da verdade, “disse que era enteléquia, vocábulo grego que quer dizer ‘movimento contínuo perdurável’”.

“Contudo, os doutores da Igreja de Deus, que mui profunda e acertadamente refletiram sobre isso, afirmam, apesar de o fazerem de diversas maneiras, que a alma do homem foi criada

⁶ Ver Apocalipse 21:4. I Co 13.

⁷ Ver Êxodo 33.

por Deus como uma substância espiritual, própria, vivificadora do seu corpo, racional e imortal, convertível em bem e em mal.”
(Tradução de Ricardo da Costa)

Em continuidade com a definição da alma, o rei afirma que a alma é substância criada por Deus. Por ser substância só pode ter sido criada por Ele. Já uma coisa que tem substância não pode ser criadora, pois a substância é algo dado por Deus individualmente, por isso é criatura.

A alma é substância espiritual, pois constantemente busca as coisas celestiais e respostas para todas as coisas naturais, e busca descobrir amplas coisas do seu Criador.

A alma é substância própria, pois sente as emoções da carne, coisa que nenhum outro espírito pode fazer:

“Que seja substância própria está claro, pois nenhum outro espírito que receba a carne se lamenta ou se alegra com as suas paixões, que são: amor, ódio, desejo, abominação, deleite, tristeza, esperança, desespero, temor, audácia, ira e mansidão”.
(Tradução de Ricardo da Costa)

A alma é o que vivifica o corpo e ama a sua prisão, porque não pode ser livre. Sente as emoções e as dores corporais, teme a morte e sorte do corpo.

A alma deleita-se com os sentidos corporais e quando estes são tirados dela, sente grande tristeza. A vida do corpo, então, "é a presença da alma por ele recebida, e a morte a sua separação".

Enquanto vive no corpo, a alma se encontra em todas as suas partes. É ela que "lhe dá força vital e alimento competente". A permanência da alma no corpo está sujeita a vontade do Criador. Quando lhe ordena sair, todas as portas do corpo se abrem, quando ordena o contrário, se fecham:

“Tu podes ver isso todos os dias, pois há muitos homens terrivelmente feridos que não morrem; outros, por qualquer oportunidade, entregam seu espírito.”
(Tradução de Ricardo da Costa)

A alma é racional. Consegue compreender suas reflexões e ainda revelá-las com a língua. Move-se em si mesma, e ao adentrar-se, compreende-se melhor. É criativa,

capaz de construir cidades, e fazer arte. "Imortal e, ainda mais, a alma racional, e não penso que duvides disso".

Depois de todo o belo discurso de Dom João sobre das características da alma, Bernat Metge ainda não convencido, pede mais provas de sua imortalidade. O Caçador, então, não tarda a respondê-lo.

A alma racional é imortal porque é semelhante a Deus. É semelhante a Ele porque sente, lembra, vive e sabe. Lembra porque se recorda das coisas passadas (Platão), vive porque abraça o presente e sente porque prevê acontecimentos vindouros.

A alma racional é imortal porque é substância simples, assim como Deus e os anjos, e por ser simples e sem composição não pode ser corrompida. Como nenhuma forma pode ser corrompida se não for por ação de seu contrário, pela corrupção de seu sujeito ou por falta de uma causa (Aristóteles). A alma conforme o seu ser, não é uma forma dependente do seu sujeito, o corpo. Nem pode ser por ação de seu contrario já que a alma não possui contrários; e muito menos por falta de uma causa, pois a causa anímica é a eterna. Portanto, a alma é imortal.

É eterna porque move a si mesma. O movimento é princípio de tudo, porque sem ele não há vida. Se o movimento é princípio, e princípio não tem início nem fim e nem pode ser criado a partir de outra coisa; e a alma é movimento, logo, é imortal e geradora de outras coisas a partir de si mesma.

Em continuidade com a sua defesa da eternidade anímica, o Caçador recita o filósofo catalão Ramon Llull:

“Mais ainda: a alma racional foi criada para que sempre entenda, ame e recorde a Deus. Se fosse mortal, não faria sempiternamente aquilo pelo qual foi criada. Portanto, é imortal.”

(Tradução de Ricardo da Costa)

Para que se cumpra a justiça divina é necessário que a alma seja imortal. Já que é somente depois da morte corporal que a alma pode receber a sua recompensa ou a sua condenação. Se ela morresse juntamente com corpo, não receberia o que merece, assim, Deus não seria justo, o que é impossível.

Após toda essa conversa com Dom João, Bernat concordou com os argumentos que lhe foram apresentados, mas, como também restavam algumas dúvidas, o rei passou a utilizar personagens como exemplos da grande massa que acreditou na imortalidade da alma. Os exemplos seguiram, em ordem, dos gentios para os judeus e por fim os cristãos.

Como primeiro exemplo o rei utiliza Jó, que após ter sua esperança renovada disse: “Pois eu sei que meu Redentor vive, e no último dia ressuscitarei da terra, e outra vez serei vestido pela minha pele e a minha carne vera a Deus, meu Salvador”⁸. Se tinha Jó esse desejo é porque cria na imortalidade da alma.

Outro exemplo gentio foi o relato de Ênio, antigo e famoso poeta, que disse que muitos sábios antigos acreditavam que quando morria o corpo a alma permanecia. “E entre outras coisas que os induziam a crer nisso havia uma: quando viram que os homens de grande engenho haviam ordenado o direito pontifical e as cerimônias das sepulturas.” Após analisarem isso, concluíram que a alma só pode ser imortal.

O homem naturalmente pensa na vida após a morte. Seja quando entrega a sua vida pela pátria, quando cria uma criança ou quando publica um livro com o seu nome. Se por natureza pensamos na continuidade da vida após a morte corporal logicamente acreditamos na imortalidade da alma.

Em continuidade com os seus exemplos, o rei citou Ferecides, antigo filósofo sírio “que inicialmente disse que as almas eram sempiternas”, idéia seguida por seu discípulo Pitágoras, Platão, Aristóteles e Diógenes, que dizia que as almas eram imortais e que só ascendiam aos Céus se agissem com virtude.

Após tomar conhecimento da morte de Públio Cornélio Cipião Africano, Lélío, seu amigo, disse que o seu consolo pela morte de Cipião é que este viveu uma vida virtuosa, e por crer na imortalidade da alma, tem esperanças de um dia encontrá-lo. Assim como seu amigo, Cipião também acreditava na imortalidade da alma. Como o fez enxergar com seus próprios olhos seu pai, que depois de morto lhe apareceu em sonho.

Em seu último dia de vida, Sócrates defendeu belamente a imortalidade da alma. Enquanto segurava em suas mãos o copo de veneno, disse que parecia que, ao invés de

⁸ Jó 19.26

morrer subiria ao Céu, no Conselho dos deuses, pra onde se dirigiam os que viveram vidas virtuosas.

Antes de se matar, Catão, que já cria na imortalidade da alma, leu o livro de Platão sobre a alma imortal, para que renovasse sua coragem e se deleitasse o seu coração.

Marco Catão disse que a alma é imortal e celestial, e, enquanto vive em um corpo, vive oprimida. Mas foi colocada em um corpo para que os homens possam defender a terra, contemplem os céus e vivam de maneira reta.

Depois de citar os nomes de Virgílio, Seneca, Ovidio, Horácio, Lucano, Estácio e Juvenal, o monarca finda os exemplos dos gentios e passa então para os judeus.

O primeiro foi Moisés, que enquanto explicava a Criação, disse que Deus fez o homem segundo a Sua imagem e semelhança. Se o homem é semelhante a Deus, que é eterno, o homem só pode ser eterno. Se então é eterno, não pode ser o corpo a semelhança com o Criador, pois o corpo perece, então, é a alma a semelhança que traz consigo a imortalidade. Samuel após a morte aparece à Saul e lhe diz que no dia seguinte ele morreria, junto com os seus filhos, e assim se reencontrariam. E assim sucedeu. Elias ressuscitou um menino morto a pedido de sua mãe. O quarto livro de Reis relata que um homem ressuscitou depois que foi morto por ladrões, estes o enterraram no sepulcro de Eliseu. Ao tocar nos ossos de Eliseu o homem ressuscitou. Davi rogou a Deus mais de uma vez para que livrasse a sua alma do Inferno. E seu filho Salomão afirmou que a alma volta para Deus, que a deu. Ezequiel após se recuperar de uma grave doença proferiu que o Senhor livrou a sua alma de perecer no Inferno. Daniel profetizou a ressurreição do príncipe Miguel, e junto com Ele se levarão os mortos, que poderão ascender aos Céus ou sofrer o tormento eterno. Através de Sofonias, Deus disse para o povo esperar para encontrá-lo no dia da ressurreição.

Neste momento Metge interrompeu o rei e pediu para que passasse logo para os cristãos. Contente pelo pedido, o monarca assim o fez.

Começou por Jesus Cristo, que ensinava aos seus discípulos que um pobre chamado Lázaro ao morrer foi levado por anjos ao Seio de Abraão, enquanto o rico foi despejado no Inferno.

“– Em outro lugar, Ele disse aos seus discípulos: – Não desejais temer aqueles que matam o corpo e não podem matar a alma, mas temeis aquele que pode destruir a alma e o corpo no Inferno”.

(Tradução de Ricardo da Costa)

É notável a preocupação com o destino da alma após a morte do corpo. Se depois desta morte a alma ainda vai para algum lugar esta só pode ser imortal. Sendo que este destino pode ser a vida eterna, para os bons e o tormento para os maus. Os apóstolos professaram foram testemunhas dos milagres que Jesus realizou ao trazer vida aos mortos. E foi o próprio Jesus que ressuscitou, e depois ascendeu ao Pai.

Após toda essa explicação sobre a crença da imortalidade da alma, Bernat Metge finalmente enxerga isso como verdade, como ciência certa. Mas o rei ainda continuou expressando, por último a explicação da vida eterna no Alcorão.

“(...) mas ali contem expressamente que os mouros de Deus, após sua morte, irão para o Paraíso, onde encontrarão rios de água clara e limpa, leite cujo sabor nunca mudara, vinho muito deleitoso aos convivas e mel espesso. E em outro lugar descreve o Alcorão o Paraíso, e se explica que ha fontes, frutas, mulheres, tapetes de seda e muitas donzelas com as quais os mouros de Deus se deitarão e que apos perderem sua virgindade elas a recuperarão”.

(Tradução de Ricardo da Costa)

Por fim termina a brilhante demonstração da imortalidade da alma por Dom João.

Conclusão

O rei Dom João mostrou que negar a imortalidade do espírito para um cristão, é negar a própria religião. Porque Jesus, o filho de Deus se fez carne. Um espírito de um Deus habitou em um corpo humano. Após a sua morte ressuscitou, e ascendeu aos céus. Para preparar morada para todos aqueles que creram em Seu nome. Logo, para um cristão, a vida terrena é uma preparação para a vida eterna ao lado de Deus e seu Filho.

A preparação é a prática das virtudes, para os antigos filósofos; e da bondade, que é uma virtude em si. Tanto os antigos como os cristãos acreditam que uma alma justa terá a sua recompensa, e viverá eternamente em deleite. Enquanto a alma má, injusta terá uma tormenta eterna.

Então, se o destino da alma após a morte dependerá das práticas terrenas, a vida corporal é uma prova de resistência da bondade e retidão do justo.

Bibliografia

PLATÃO. *As leis*: incluindo Epinomis. São Paulo: EDIPRO, 1999.

_____. *Timeu*. Coleção Pensamento e Filosofia. Trad. Lisboa: Stória Editores, 2003.

_____. *Diálogos: A República*. Rio de Janeiro: Globo, 1964.

ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de Filosofia*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

LE GOFF, Jacques & SCHMITT, Jean-Claude. *Dicionário Temático do Ocidente medieval I*. Bauru, SP: EDUSC; São Paulo, SP: Imprensa Oficial do Estado, 2002.

FERRATER MORA, José. *Dicionário de Filosofia - Vol. 1*. Buenos Aires: Editorial Sudamericana, 1965.

GILSON, Etienne. *Filosofia na Idade Média*. Trad. São Paulo: Martins Fontes, 1995.